

Património Natural, o Montado Alentejano, como produto turístico e potenciador do desenvolvimento no destino

Teresa Alexandra Ribeiro Da Luisa

Resumo

O turismo sustentável e a preservação do património natural, como o montado alentejano, estão intrinsecamente ligados ao desenvolvimento local, promovendo a conservação ambiental, a diversificação económica e o enriquecimento cultural das comunidades. A adoção de práticas sustentáveis no setor turístico é fundamental para garantir a viabilidade e a perpetuação desses recursos naturais, proporcionando benefícios a longo prazo para a região e para as gerações futuras. O montado alentejano desempenha múltiplas funções, desde a conservação de biodiversidade até à geração de produtos económicos. A vegetação característica, composta por sobreiros e azinheiras, oferece habitat e abrigo para uma diversidade de espécies animais e vegetais, incluindo algumas espécies endêmicas e ameaçadas. Essa riqueza biológica é fundamental para a manutenção da biodiversidade regional e para a promoção da resiliência do ecossistema. Contudo, o montado alentejano é uma fonte de produção de cortiça, um material sustentável amplamente utilizado em diversas indústrias. Em Portugal, a nossa representatividade abrange cerca de 50% da transformação mundial, possuindo o sobreiro uma área florestal de 22% no país. Como destino turístico, o montado alentejano desempenha um papel de chamariz para os visitantes interessados em experiências autênticas e um contato direto com a natureza. A beleza cênica, as oportunidades de turismo de natureza e a possibilidade de aprender sobre a importância do montado para o ecossistema local são elementos atrativos que estimulam o turismo sustentável na região. Posto isto, defendo o montado alentejano, como um património natural e rico em Portugal, seja candidato num futuro próximo a Património Mundial da Humanidade, tal como, a paisagem cultural do Alto Douro Vinhateiro ou o parque arqueológico do Vale do Côa.

Palavras-chave: Montado Alentejano; Património Natural; Montado Português; Turismo de Natureza; Cortiça

Abstract

Sustainable tourism and the preservation of natural heritage, such as the Alentejo montado, are intrinsically linked to local development, promoting environmental conservation, economic diversification, and cultural enrichment for communities. The adoption of sustainable practices in the tourism sector is essential to ensure the viability and perpetuation of these natural resources, providing long-term benefits for the region and future generations. The Alentejo montado serves multiple functions, from biodiversity conservation to the generation of economic products. The characteristic vegetation, composed of cork oaks and holm oaks, provides habitat and shelter for a diverse range of animal and plant species, including some endemic and threatened species. This biological wealth is fundamental for maintaining regional biodiversity and promoting ecosystem resilience. However, the Alentejo montado is also a source of cork production, a sustainable material widely used in various industries. In Portugal, our representation covers around 50% of global transformation, with cork oak forests accounting for 22% of the country's forested area. As a tourist destination, the Alentejo montado plays a role in attracting visitors interested in authentic experiences and direct contact with nature. The scenic beauty, opportunities for nature tourism, and the chance to learn about the importance of the montado for the local ecosystem are appealing elements that stimulate sustainable tourism in the region. Given these factors, I advocate for the Alentejo montado, as a natural and rich heritage in Portugal, to be considered as a future candidate for UNESCO World Heritage status, similar to the Alto Douro Wine Region or the Côa Valley Archaeological Park.

Keywords: *Alentejo Cork Oak Forest; Natural heritage; Mounted Portuguese; Nature Tourism; Cork*

Introdução

O Montado em Portugal até ao século XIX, não era explorado como um sistema de produção autónomo, mas sim como um sistema de produção extensiva e ordenamento de território agrário. Ao longo dos tempos, os maquis foram sendo alterados pelo homem, através da sua utilização para a produção pecuária, produção de lenha e principalmente de cortiça, que se tornou um produto comercial de grande valor económico.

A Península Ibérica representava três quartos da produção mundial de cortiça produzida entre 1943 e 1999. Apesar dos investimentos feitos pelos proprietários ao longo dos anos na reflorestação do Montado, houve períodos de estagnação na sua regeneração, o que exigiu apoios estatais e políticas para impulsionar o reflorestamento a longo prazo. Atualmente, existem três tipos de Montado em Portugal identificados: o montado de azinho, o montado de sobro em povoamento estremes e o montado de sobro mais extensivo. A área forrageira do Montado em 1989 era de aproximadamente de 1.356.604 hectares, mas cerca de 39,6% dessa área estava em pousio. Além da cortiça, o material lenhoso também apresentou um valor económico superior às expectativas para os proprietários das florestas.

O Montado é um ecossistema com características muito específicas, que foi criado pelo homem como forma de equilibrar o ambiente circundante. Consiste em uma série de subsistemas e sistemas de produção integrados, que incluem a atividade agrícola e florestal. O Montado mediterrânico é conhecido pela sua diversidade de espécies arbóreas, como o sobreiro e a azinheira, também abriga uma grande variedade de animais, incluindo o Lince Ibérico. Além disso, esse ecossistema oferece uma lista variada de produtos, como a cortiça, a carne, o queijo, o mel, a bolota, os cogumelos, entre outros. A cortiça é um recurso natural e sustentável obtido a partir do sobreiro, que é amplamente utilizado para a produção de rolhas. O processo de descortiçamento é realizado de forma cuidada por trabalhadores especializados, que retiram a cortiça sem danificar a árvore. Esse processo é realizado em fases ao longo da vida do sobreiro, garantindo a sua sustentabilidade e a qualidade da cortiça produzida.

Em termos turísticos, esta indústria que envolve o Montado e por conseguinte, o sobreiro, é uma forma de sensibilizar e educar os turistas através de diferentes atividades. O impacto que o turismo tem nos destinos é significativo, modificando o desenvolvimento do local de várias maneiras. No entanto, os diferentes tipos de turismo também podem ter diferentes impactos, dependendo da sociedade em questão, de acordo com Rushmann (1999). A temática do turismo de natureza, com incidência no Montado, pode ser um fator agregador para atrair turistas para a região do Alentejo, em Portugal. Atividades como caminhadas, andar de bicicleta, visita a fábricas corticeiras e workshops de gastronomia com farinha de bolota ou a bolota,

podem influenciar os turistas a visitarem o Alentejo, o que terá consequências económicas, ambientais e socioculturais para a localidade.

Os impactos do turismo no destino podem se fazer sentir ao nível ambiental e de forma negativa, como o mau planeamento, a poluição, a degradação da fauna e flora, a construção de empreendimentos turísticos que alteram a paisagem. Mas se houver medidas de proteção e conservação, como programas de preservação de áreas naturais, o impacto ambiental torna-se positivo. Por outro lado, o impacto económico também se faz sentir, através de investimentos no local que geram emprego e desenvolvimento ao nível de infraestruturas e pagamento de impostos para o estado. Do ponto de vista de impacto sociocultural no destino, o turista quando viaja tem muita curiosidade e vontade de conhecer o máximo sobre o local, em certas regiões a intromissão pode ser evidente que pode originar conflitos com os locais, ao ponto de haver sentimentos de antipatia ou desagrado. Por outro lado, a troca de ideias e experiências entre diferentes pessoas pode influenciar a comunidade visitada no seu modo de vestir e de comportamento.

Independentemente dos efeitos negativos e positivos que possam originar nos destinos, vai haver sempre impactos e podem ser minimizados por políticas protetoras do governo local ou da própria comunidade. É sentido que, o Turismo originará sempre rendimentos, o que se terá que fazer, é uma boa gestão desse rendimento gerado através de boas práticas nos destinos, classificá-los por exemplo. Em Portugal temos vários monumentos e paisagens naturais que estão classificadas pela UNESCO, segundo vários critérios propostos e o governo nacional tem leis protetores para esses mesmos locais. O turista não só sente mais interesse em conhecer esse destino classificado, como tende a ter uma atitude e comportamento mais assertivo e sustentável para a conservação do espaço. Posto isto, é de extrema relevância que o Montado português consiga a classificação pela UNESCO como Paisagem Natural.

1. Enquadramento histórico sobre o Montado português

A história do Montado português remonta a vários séculos atrás, muitos estudos e documentação científica têm sido produzidos devido ao valor sentimental, ambiental, financeiro e económico, que uma floresta constituída maioritariamente por sobreiros e azinheiras representa. No trabalho de investigação de Mendes (2002)¹ sobre a cortiça em Portugal, refere que, o montado não era mais do que um maqui mediterrânico (um aglomerado misto de árvores e denso matagal) que se foi alterando com o tempo, apesar de, não ser consensual a sua origem entre os vários historiadores. Por outro lado, ainda refere que, até ao século XIX

¹ Mendes, Américo M. S. Carvalho, "A economia do sector da cortiça em Portugal. Evolução das atividades de produção e de transformação ao longo dos séculos XIX e XX" (dissertação mestrado, Universidade Católica Portuguesa, 2002), 14, 22

a forma de explorar o Montado não era como um sistema de produção autónomo, mas sim como um sistema de produção extensiva de pousio e forma de ordenamento de território agrário que os Romanos haviam deixado no sul do país. Ao longo dos tempos estes maquis foram sendo alterados pelo homem, através da sua utilização para a produção pecuária (suínos), produção de lenha e cortiça que eram utilizados pela população local. Apesar de que, nos fins do século XIX, o setor vinícola ter-se-á desenvolvido bastante e ter havido necessidade de produzir rolhas de cortiça, tem sido até hoje um produto comercial de grande valor económico.

Se reportarmos ao termo montado, era alusivo na idade média, ao “imposto sobre o pastoreio do gado” salientando ainda, a existência do primeiro foral de Évora de 1166, mencionar a palavra Montado como “*montadigo*”, que significava um tributo fiscal a pagar pelo proprietário possuidor de gado que vivia fora do concelho e que utilizava aquelas pastagens, segundo Fonseca (2004)².

Contudo Ferreira (2001, 180-181)³ menciona a sua génese à forma do deslocamento sazonal de animais em Espanha e em Portugal, bem como ao tipo de propriedade desde a reconquista. Visto que, Portugal e Espanha sempre estiveram ligados na produção de sobreiros e azinheiras, ao longo da história os números em produção e área o comprovam. Segundo Branco (2002, 111)⁴ as toneladas produzidas na Península Ibérica entre 1943 e 1999, os valores oscilavam entre os 210 e 255 milhares de toneladas produzidas de cortiça, representando três quartos da produção mundial de cortiça produzida. O investimento ao longo dos anos tem sido feito pelos proprietários, a reflorestação do Montado, houve anos, em que o montado havia sofrido uma estagnação na sua regeneração. Não havendo assim, resultados a curto prazo, ao nível da economia. Foi necessário haver apoios estatais e políticas para alavancar o Montado através do reflorestamento com evidências a longo prazo. Havendo por isso em Portugal, três tipos de Montado segundo Moreira et al (1995)⁵, denominando o montado de azinho, o montado de sobre em povoamento estremes e o montado de sobre mais extensivo. Ainda faz menção à forma de utilização do uso do solo em 1989, o que se pode empreender que a área forrageira apresentada era na ordem dos 1.356.604ha, apesar de haver neste valor total, uma área razoável de terra em pousio, 39,6%.

Quadro 1 - Zona dos montados de sobre e de azinho do Alentejo, em 1989

² Fonseca, A. 2005. “O Homem criador do Montado ao longo do tempo” in “O Montado no Alentejo (Século XV a XVIII)” ed. Colibri pp. 37-132

³ Ferreira, Denise De Brum (2011, pp179-193), “Evolução da Paisagem de Montado no Alentejo interior ao longo do século XX: Dinâmica e incidências ambientais”, Finisterra, XXXVI, 72

⁴ Blanco, Santiago Zapata, “Del suro a la cortiça. El ascenso de Portugal a primera potencia corchera del mundo”, Revista de História Industrial Nº 22, (2002) 109- 137

⁵ Moreira, Manuel Belo, Inocêncio Seita COELHO & P. S. REIS. 1995. Análise Técnico Económica de Sistemas de Dehesa/Montado. Relatório Final (UE-DGVI-Programa CAMAR: CT90-0028). Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 1995

Tipos de usos do solo	Área (ha)	%
Culturas temporárias em terra limpa	365383	26,9
Culturas temporárias sob coberto de matas e florestas	114347	8,4
Pousios em terra limpa	253078	18,7
Pousios sob coberto de matos e florestas	283027	20,9
Prados e pastagens permanentes	340769	25,1
TOTAL DE ÁREA FORRAGEIRA	1356604	100,0

Fonte 1- Fonte: INE-RGA 89 (In Moreira et al., 1995, 3)

No mesmo sentido de importância a esta área florestal para o país, os estudos económicos e estatísticos de Mendes (2002)⁶ foram evidenciados por vários fatores que permitiram que o sobreiro, por conseguinte, a cortiça fosse cada vez mais valorizada por todos os envolvidos. O ano de 1998 reflete a realidade da floresta em Portugal, segundo o quadro seguinte:

⁶ Mendes, Américo M. S. Carvalho, "A economia do sector da cortiça em Portugal. Evolução das atividades de produção e de transformação ao longo dos séculos XIX e SS" (dissertação mestrado, Universidade Católica Portuguesa, 2002), 136

Quadro 2- Valor bruto total da produção das florestas de Portugal, em 1998 (milhares de euros)

Classificação dos produtos florestais segundo a sua natureza económica	VALOR DE USO DIRECTO			VALOR DE USO INDIRECTO	VALOR DE CONSERVAÇÃO	TOTAL	%
	Material lenhoso	Cortiça	Outros produtos não lenhosos				
Benefícios brutos para os proprietários florestais	429 759	300 601	301 979		33 413	1 065 752	87,1
Bens privados	429 759	300 601	301 979		0	1 032 339	84,4
- material lenhoso	429 759					429 759	35,1
- cortiça		300 601				300 601	24,6
- resina, frutos, plantas, caça (zonas de caça turística), pastagens e bolota			301 979			301 979	24,7
- valor de conservação para os proprietários florestais					33 413	33 413	2,7
Benefícios brutos para os não proprietários florestais	0	0	71 746	65 528	20 052	157 325	12,9
Bens em propriedade comum			16 833			16 833	1,4
- Caça (zonas de caça associativa)	0	0	16 833	0	0	16 833	1,4
Bens de livre acesso	0	0	49 675	0	0	49 675	4,1
- Mel	0	0	5 541	0	0	5 541	0,5
- Cogumelos	0	0	32 422	0	0	32 422	2,7
- Caça (regime livre)	0	0	11 712	0	0	11 712	1,0
Bens públicos	0	0	5 237	65 528	20 052	90 817	7,4
- Espaços de lazer	0	0	5 237	0	0	5 237	0,4
- Protecção dos recursos hídricos	0	0	0	14 964	0	14 964	1,2
- Fixação do carbono	0	0	0	50 564	0	50 564	4,1
- Valor de conservação para os não proprietários					20 052	20 052	1,6
VALOR TOTAL DOS BENEFÍCIOS	429 759	300 601	373 725	65 528	53 464	1 223 077	100
Custos sociais	-90 961					-90 961	
- Externalidades negativas (incêndios)	-90 961	0	0	0	0	-90 961	
- Outros						no estimate	
VALOR TOTAL DA PRODUÇÃO	338 798	300 601	373 725	65 528	53 464	1 132 116	
%	29,9	26,6	33,0	5,8	4,7	100	

Fonte 2- Adaptado por Mendes (2002)

A menção no quadro anterior, em milhares de euros, referência o material lenhoso como superior às expectativas em relação à cortiça para os seus proprietários. Relevante salientar que, os não proprietários das florestas conseguiram angariar com os produtos endógenos (o mel, os cogumelos e a prática da caça) cerca de 49.675 euros, usufruídos por livre acesso. O que mostra que todo o ecossistema do Montado é relevante não só para os proprietários como para as comunidades envolventes.

Atualmente, Portugal é responsável por 50% da transformação da cortiça no mundo, ou seja, possui cerca de 34% da área mundial de montado de sobro, correspondendo a 720 mil hectares⁷. Valores bastante significativos se olharmos para a geografia de Portugal, país com uma área total de 92.212 Km². em 2011, segundos os censos, registavam cerca de 10,6 milhões de habitantes. O que não deixa de ser curioso, como um país tão pequeno e pertencente à U.E., dentro da sua condição, abarca no território Alentejo a maior concentração de Montado no mundo e com uma representação nacional em floresta, de 22%.

Entendo que, existe toda uma economia à volta do Montado português, são vários os agentes diretos ou indiretos que lucram com a sua existência. Seja por pagamento de impostos, trabalhadores especializados (tiradores de cortiça, trabalhadores fabris), a comunidade local (recolhe cogumelos ou lenha, apanha de tubaras, produção de mel, criação de gado ou apanha da bolota) para seu sustento ou para vender, o turismo de natureza, o turismo cinegético, o turismo sustentável, entre outras, todos os intervenientes de alguma maneira lucram com o Montado. Os valores económicos da extração de cortiça representaram cerca de 1.134 milhões de euros para Portugal, no saldo da balança comercial foram 935 milhões de euros (em 2011). Em termos mundiais existem mais de 100.000 pessoas que trabalham direta ou indiretamente neste setor, em Portugal calcula-se que sejam 7.796 trabalhadores em contexto de fábricas⁸.

⁷ Associação Portuguesa de Cortiça - APCOR

⁸ Associação Portuguesa de Cortiça – APCOR, sustentabilidade social e económica



Figura 1- Esquema da indústria do Montado português, criação própria

1.1. CORTIÇA E DESCORTIÇAMENTO

O Montado possui um ecossistema muito próprio que foi construído pelo homem, segundo Potes (2010, 6)⁹, utilizando o animal e a atividade agrícola para equilibrar todo o sistema envolvente. Todo este ecossistema é constituído por diversos subsistemas e sistemas de produção integrados, que mais não é, o recurso à produção agropecuária e florestal ou agro-silvo-pastoril. Potes (2010, 10-11) ainda menciona que, o solo, a planta e o animal fazem um trinómio que forma este ecossistema. Ou seja, o solo é um recurso essencial a par com a água e o ambiente, do ponto de vista climatérico, que juntos têm de ser objeto de planificação, para fazer face aos verões prolongados e outonos mais rigorosos. A planta neste contexto devido á sua biodiversidade e funcionalidades distintas, houve a necessidade de estratificar por funcionalidades, como o estrato arbóreo, o estrato arbustivo, o estrato herbáceo. Por outro lado, a função do animal neste ambiente comporta todo um conjunto de produção de animais, em regime de exploração extensiva identificaram-se a raça bovina, a raça ovina, a raça caprina, a raça de equídeos e a raça de aves do campo, para além de toda a fauna selvagem.

⁹ Potes, José Mira de Villas-Boas, "Ecossistema Montado, Um modelo de Sustentabilidade", Trabalho realizado para obtenção de grau especialista na área da agro-silvo-pastorícia, Instituto Politécnico de Santarém, 2010

No mesmo sentido Potes e Babo (2003)¹⁰, referenciam uma lista de produtos provenientes deste ecossistema, a produção da cortiça, a produção da carne e seus derivados, a produção do queijo, a produção da lã, a exploração florestal (extração de lenha, produção de carvão), produção de mel. É de salientar a riqueza que o Montado pode produzir para as comunidades envolventes. Em termos de flora o Montado mediterrânico é constituído por uma grande diversidade de espécies arbóreas consoante a sua localização, a mais proeminente são os sobreiros (*Quercus saber L*) e azinheiras, existindo em outras zonas o pinheiro-manso, a aroeira, o zambujeiro, o carrasco e várias zonas de pastagem. Relativo à vegetação arbustiva podemos encontrar a urze, o tojo, a giesta das vassouras, a alfazema, a murta, a esteva, o medronheiro, os sargaços, os sanganhos, a gilbardeira, o trovisco e as plantas para uso medicinal ou culinário (como orégãos, rosmaninho, espargos, hortelã-pimenta), cogumelos. É um habitat que possui um sem número de animais, que pastam em zonas de mato ou áreas para a agricultura, de modo geral podemos identificar mais de 24 espécies de répteis e anfíbios, 160 espécies de aves e cerca de 37 espécies de mamíferos, entre eles o mais conhecido, o Lince Ibérico.

Toda esta biodiversidade existente sob um clima mediterrânico, com um clima a rondar os -5°C e o 40°C, é propício ao crescimento do sobreiro, é uma árvore muito particular e com características únicas, chegando a ter um porte entre os 10 a 15 metros de altura na sua fase adulta. É uma árvore que pode ser plantada, semeada ou crescer livremente através da queda da bolota; levando o seu crescimento atingir a fase adulta ao fim dos 25/30 anos.

A cortiça não é mais do que a casca do sobreiro, árvore conhecido por pertencer à família dos carvalhos. A constituição da cortiça é 100% natural, 100% reciclável e reutilizável, é um tecido vegetal denominado de felema, segundo o conceito na botânica. Devido à sua constituição natural, a cortiça é constituída por células suberizadas que estão numa estrutura alveolar própria, no qual é composta quimicamente pela suberina (45%), a lenhina (27%), os polissacáridos (12%), o ceróides (6%) e o taninos (6%), constituindo um tecido homogêneo, impermeável e elástico, segundo a APCOR¹¹. É um recurso que transformado pode ser utilizado para diferentes fins comerciais. O mais conhecido na história é a transformação da cortiça para a produção de rolhas, sendo um excelente vedante de uma garrafa de vinho ou champanhe.

A forma como se extrai a cortiça do sobreiro, denomina-se de descortiçamento que é feito quando a árvore é adulta e tem condições ótimas para a sua tiragem. A técnica do descortiçamento é feita por trabalhadores especializados e bem pagos financeiramente, o conhecimento começa desde muito cedo, em jovens, e passa de geração em geração. Estes trabalhadores possuem uma capacidade e técnica de precisão ao

¹⁰ Potes, J. M. & Babo, H. 2003. "Montado" an old system in the new millennium" African Journal of Range & Forage Science, 20 (2): 131-146

¹¹ Associação Portuguesa de Cortiça – APCOR, Cortiça

extrair a cortiça do sobreiro, sem o danificar, com recurso a um machado bem afiado. O grupo de trabalhadores rurais/florestais é ainda constituído pelo manajeiro, os tratoristas, os ajuntadores, os carregadores de cortiça e empilhadores, em alguns casos ainda existe o aguadeiro e o pintor ou marcador, de acordo com Costa (2016)¹².

A época do descortiçamento acontece entre maio e agosto, época de calor e realizado ao nascer do dia. Na altura em que se está a extrair a cortiça e esta não sai facilmente do tronco e ramos deve-se suspender a extração, devido ao fato, não causar estragos no entrecasco e prejudicar no futuro, a próxima produção. Todo este ritual do descortiçamento é feito em parilha, dois tiradores por sobreiro que realizam em conjunto a tiragem da cortiça do sobreiro, fazendo longos cortes transversais e longitudinais ao longo do tronco com objetivo de retirar pranchas retangulares. Antes de finalizar todo o processo com o sobreiro há quem faça a retirada do calço da cortiça, é uma fração de cortiça que está no tronco e enterrada no solo, a sua eliminação pretende prevenir a contaminação das pranchas de cortiça com fungos do solo, segundo Costa (2016, 13)¹³. Por uma questão de sustentabilidade da árvore e de produção, o descortiçamento do sobreiro ao longo da sua existência é feito por fases, a sua tiragem é feita da seguinte forma:

- ❖ 1ª tiragem – o ato é chamado de desbóia por ser a primeira cortiça virgem do sobreiro, esta é de má qualidade e é aproveitada para o fabrico de aglomerados, após a sua extração da árvore repousa 9 anos,
- ❖ 2ª tiragem – acontece ao fim do repouso anterior, o sobreiro terá uma média de idade a rondar os 30 a 35 anos, é chamada de secundeira, esta cortiça apresenta irregularidades e é aproveitada para fabrico de aglomerados,
- ❖ 3ª tiragem – acontece ao fim de 9 anos da anterior, terá uma média de idade os 40 anos, chama-se esta tiragem de amadia, é a cortiça de melhor qualidade pois acompanha as tensões do crescimento e a sua homogeneidade, é nesta fase que a cortiça serve para o fabrico de rolhas. As próximas extrações a cada 9 anos irá permitir cada vez melhor qualidade de cortiça que terá fins comerciais muito específicos, segundo Costa (2016)¹⁴.

¹² Costa, Augusta, "Descortiçamento dos sobreiros. Algumas noções para uma exploração racional", Programa de Pós-Doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) (SFRH/BPD/97166/2013), tendo por instituições de acolhimento, o INIAV, I.P. (UEI-SAFSV) e o CENSE - NOVA Universidade de Lisboa. 2016, 25 pp

¹³ Costa, Augusta, "Descortiçamento dos sobreiros. Algumas noções para uma exploração racional", Programa de Pós-Doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), 12-13

¹⁴ Costa, Augusta, "Descortiçamento dos sobreiros. Algumas noções para uma exploração racional", Programa de Pós-Doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) (SFRH/BPD/97166/2013), tendo por instituições de acolhimento, o INIAV, I.P. (UEI-SAFSV) e o CENSE - NOVA Universidade de Lisboa. 2016, 25 pp

Figura 3 - Corte da cortiça com machado



Fonte 3 - Foto do autor

Figura 4 - Retirar a cortiça do tronco



Fonte 3- Foto do autor

Figura 2 - Execução de extrair cortiça em parelha



Fonte 5 - Fotos do autor

Um sobreiro quando é bem tratado e conservado pelos seus proprietários tem uma esperança média de vida entre os 150 a 200 anos, permitindo fazer o seu descortiçamento em média 15 vezes por árvore. Após cada tiragem de cortiça o trabalhador deve fazer uma marca com tinta branca no tronco para saber o ano em que foi feita o descortiçamento.

Toda esta técnica do descortiçamento pode ser vista pelo turista na época própria para tomar consciência do ritual e dureza na profissão. A sensibilização e educação ambiental é necessária para manter a produção de cortiça nas gerações futuras, continuando a ser fonte de rendimento para toda uma comunidade local, nacional e internacional.

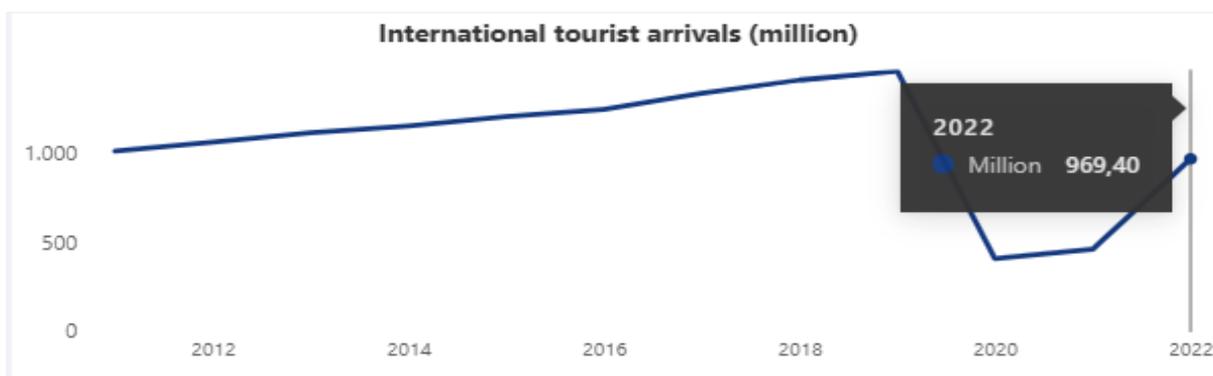
2. Montado como fator de destino turístico

Os motivos para o europeu viajar até ao fim de 2023, prende-se com destinos ligados à cultura e património com 16,7%, os locais de natureza e ar livre representam 13,5%, sem esquecer o fator clima em 19% e o destino ser acolhedor em 12%, nas preferências (dados do Turismo de Portugal, travel BI, "Monitoring sentiment for domestic and Intra-European Travel - Wave" 17, 2023). Por outro lado, existe cada vez mais uma consciência para a sustentabilidade no viajante, gostam de viajar, mas não a todo custo, uma nova

vaga de viajantes no momento de viajar para um destino pensa como o vai fazer, que pegada ecológica vai deixar. Quando inquiridos pelo Booking.com para o ano de 2023, o viajante mostrou preocupação em viajar de forma mais sustentável, em 76%, havia viajantes que não se importavam de pagar mais para tornar essa viagem mais sustentável, em cerca de 43%. O que demonstram os dados refletidos no Travel BI do Turismo de Portugal 2023, os europeus preferem continuar a viajar, mas redefinindo o seu orçamento familiar, escolhendo destinos menos caros (13%), fazer reservas com antecedência nos voos e atividades a experienciar no destino (13%). Pretendem ainda, ajustar o orçamento nos gastos com o alojamento e restaurantes escolhendo o menos caro (15%), dados retirados do Travel BI do turismo de Portugal (Monitoring sentiment for domestic and Intra-European Travel - Wave 17, 2023).

Os dados estatísticos financeiros são um ponto importante para cada país fazer a sua análise estratégica para o ano seguinte, poderem ajustar as estratégias comerciais e operacionalizá-las destino a destino ou segundo as diretrizes de cada entidade regional do turismo. A nível mundial os valores após pandemia – covid 19, refletem as chegadas dos turistas internacionais que viajaram, cerca de 969,40 milhões, em 2019 registou o ponto mais alto com 1.463,68 milhões de pessoas. São valores que refletem a sustentabilidade em muitos destinos turísticos, alguns mais visitados e com mais pressão de pessoas, outros menos visitados ou menos conhecidos.

Ilustração 1- Chegada de turistas internacionais nível global, entre 2019 e 2022



Fonte 4- OMT 2022

Contudo, os valores que o turismo representa para Portugal, têm cada vez mais peso, sobressaindo-se na balança comercial e no PIB. Dados económicos de 2021, segundo a OMT, registou os turistas domésticos em 16.506 pessoas (Portugal); em 2022, os valores ascenderam a 20,0 milhões de viagens turísticas,

traduzindo-se em 22,6 milhões (mundo). A despesa média por turista por viagem em 2022, rondou os 232,5 euros, valor superior 18,8% face a 2019, no país. Em contrapartida a faixa etária dos turistas residentes no país, em 2022, dominante foram entre os 45 aos 64 anos. Focando no Alentejo, a estadia média de turistas portugueses que dormiram no território ronda os 3,9 dias em 2019, em 2022 passou para 3,2 dias de permanência. Refletindo-se em 2022, em 2.665 viagens maioritariamente em lazer, recreio ou férias, reflete nos 48,6% perante o panorama nacional (dados Travel BI by Turismo de Portugal, mercado português em números em 2022).

O impacto do turismo no destino turístico deve-se às modificações provocadas no desenvolvimento turístico no local, mas os semelhantes tipos de turismo também podem influenciar nos diferentes impactos consoante a sociedade, segundo Rushmann (1999, 34)¹⁵. O Montado como produto turístico enquadrado no turismo de natureza pode ser um fator agregador para conhecer o território alentejano, que não é mais do que 29% da superfície total de Portugal. Sendo o Turismo de Natureza cada vez mais apreciado por turistas portugueses e por estrangeiros, a temática Montado traduzido em atividades de caminhada, visita a fábricas corticeiras, workshops de gastronomia com farinha de bolota ou a bolota. São exemplos que, podem influenciar o turista a visitar uma localidade no Alentejo, essa visita turística terá um efeito na localidade ao nível económico, ambiental ou sociocultural.

Ferreira (2009)¹⁶ descreveu esses impactos no destino, que se refletem ao nível dos países ou regionalmente:

- ❖ Impacto ambiental – tem haver com fatores como, os excessos, a má gestão, o mau planeamento, a poluição e a degradação ambiental que irá influenciar numa forma negativa o seu desenvolvimento no destino. Outros fatores como, a construção de empreendimentos turísticos e infraestruturas (esgotos, estradas) alteram a paisagem ambiental, a destruição da fauna e flora, capacidade de carga superior permitida para locais e ecossistemas sensíveis, a poluição da água, ar ou sonora. Em termos positivos o impacto ambiental pode beneficiar na proteção e conservação do ambiente, através de medidas governamentais de proteção. Bem como, na criação de programas de preservação de áreas naturais, exemplo em Portugal, o Programa de Ação para Recuperação da Vitalidade dos Montados de Sobro e Azinho, desde 2006 ou a proteção do Montado pelos proprietários das herdades, como é o caso da herdade Freixo do Meio¹⁷. Esse investimento no

¹⁵ Ruschmann, D. V. M. "Turismo e Planeamento sustentável – A proteção do Meio Ambiente", Campinas, Papirus Editora, 5ª edição, 1999, 34

¹⁶ Ferreira, Luís; "Impactos do turismo nos destinos turísticos", Revista Científica do ISCET, Percursos e Ideias, nº1 -2ªsérie, 2009, 106 - 114

¹⁷ ICNF, áreas Protegidas Montado do Freixo do Meio, disponível [ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas](#)

turismo pode ser feito na proteção do ambiente com o objetivo de manter a qualidade dos recursos naturais, promovendo a descoberta de regiões naturais não conhecidas através de programas individualizados.

- ❖ Impacto económico – desenvolver o turismo nos destinos leva a investimentos que desenvolve a economia e gera emprego. Em termos de efeitos positivos em alguns países, o desenvolvimento do turismo e as receitas que fomentam, tendem a ser melhor que outras indústrias, acontece o mesmo na melhoria das infraestruturas (criação de saneamento, qualidade da água, estradas, eletricidade) e na cobrança de impostos.

Os efeitos negativos do turismo a nível económico faz-se sentir em países pouco desenvolvidos, que não conseguem fazer face ao investimento que o turismo por si só necessita; a compra no exterior de bens de consumo necessários para satisfazer o turista localmente, pode levar países subdesenvolvidos a terem uma situação difícil porque a moeda estrangeira pode ter um valor superior que a nacional, fazendo com que, a compra do bem saia mais cara. Por outro lado, se o país for economicamente dependente do turismo e este sofrer uma diminuição, a economia irá ressentir-se.

- ❖ Impacto sociocultural – o turista quando viaja para outro país sente a necessidade de conhecer novas culturas, novos costumes e tradições, por vezes este interesse não é recíproco pelos residentes devido ao fato, da diferença cultural e de costumes. Podendo levar a situações de antipatia ou os turistas a serem vítimas de roubos e crimes. Com o efeito negativo do turismo em atividades artesanais pode levar em alguns casos à mudança da técnica de produção de determinada peça, criando peças mais padronizadas que vão de encontro ao gosto do turista. O choque cultural é evidente em alguns países ou regiões, ao nível das diferenças culturais, étnicas, religiosas, de valores e de língua. O mesmo acontecendo com comunidades locais que se alteraram ao nível do aumento de crimes, da prostituição, do alcoolismo ou consumo de drogas.

O impacto positivo sociocultural no turismo entenda-se como, a preservação da cultura, das tradições e promoção do artesanato, a criação de novos postos de trabalho, o desenvolvimento de novos serviços e de infraestruturas, a preservação e conservação de património arquitetónico por parte dos governantes, a influência de outras culturas externas podem modificar a sua forma de vestir ou tipo de alimentação.

Portugal face aos resultados do Turismo a nível económico, tem desenvolvido umas regiões mais que outras, relativo ao Alentejo, devido à sua dimensão, à desertificação, à população envelhecida tem sofrido com a falta de investimento governamental e privada, em certas zonas do território. Muitas são as localidades com uma taxa baixa de residentes, em detrimento de outras localidades como Évora ou Elvas,

turismo, o atual plano estratégico de turismo 2027 (criado para uma dimensão de 10 anos) elaborado em 2016, retratava o território Alentejo como o possuidor de capacidade de camas (4,2%) e de dormidas (3,0%), mais baixo a nível nacional. Ainda foi identificado através de uma análise SWOT, as potencialidades do país e com essa análise, se trabalhou no atual plano estratégico, identificando fatores como a população portuguesa conseguir falar uma segunda língua (60%), a segurança e a hospitalidade, em detrimento das assimetrias regionais ou a falta de estruturação de produto, como fragilidades. Fizeram com que, as ameaças identificadas, ao nível do aumento da pressão sobre os destinos ou políticas protecionistas fossem minimizadas pelas oportunidades que o país possui, o nível da procura crescente por hábitos saudáveis e produtos de saúde e bem-estar ou a alteração no consumo e motivações por parte dos residentes. Levando à identificação de dez desafios para esta estratégia a 10 anos (2017-2027), como caso de exemplo, as pessoas (promoção de emprego e valorização das pessoas), a coesão territorial e sua promoção, aposta no turismo sustentável realizável todo o ano.

São desafios que podem alavancar concelhos pouco habitados, investimentos em empreendimentos turísticos sustentáveis e fixação de pessoas. Contribuindo para o aparecimento de ativos diferenciadores neste plano estratégico 2027, como o clima e luz, a história, cultura e identidade, o mar, a água e por fim, a natureza.

A marca Montado, a nível internacional, é reconhecida não só a nível turístico devido ao seu ecossistema, mas a nível económico, representando a produção de rolhas de cortiça e outros bens utilizados pela Nasa e empresas com valores centrados na ecologia e na sustentabilidade. Logo, o nosso Montado é um potenciador turístico que abarca turistas ligados à natureza, à sustentabilidade, ao ecoturismo, à ecologia ou ao bem-estar e saúde. Ressalvando a importância do Montado a nível ambiental para o país na produção de 14 milhões de toneladas de CO2 fixados por ano, identificado como um dos mais ricos ecossistemas do mundo.

2.1. Sugestão do Montado português a Património Mundial da Humanidade

Dada a importância mundial ao Montado português, equiparando a outros ecossistemas mundiais como a Amazónia ou a savana Africana¹⁸. Torna-se urgente proteger e conservá-lo, não só legalmente a nível nacional, como o sobreiro ser considerado a árvore nacional desde 2011, mas devido à crescente preocupação mundial das pessoas na escassez da espécie animal e vegetal, com resultados de 90%, dados de 2022, segundo o estudo do Economist Intelligence Unit (Turismo de Portugal, Travel BI, Tendência: viajar em harmonia com a natureza, 2022).

¹⁸ Associação Portuguesa de cortiça - APCOR, floresta e biodiversidade

Existe desde 2017 uma candidatura à Unesco para classificar o Montado português como, Património Mundial da Humanidade na categoria de Paisagem Cultural, tendo como responsável a Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo que elaborou o dossier com outros players desde 2010. Entendo que, o Montado português tem todas as condições para ser classificado nos seus três critérios a que se propôs, tal como aconteceu com outras paisagens portuguesas, exemplo do Parque Natural da Ilha da Madeira – a floresta Laurissilva (critérios IX, X), o Alto Douro Vinhateiro (critérios III, IV, V) ou a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico (critérios III, V).

A classificação pela UNESCO reconhece a nível mundial a mais valia do Montado e sua importância, protege e valoriza o nosso Património Natural. Os critérios que se propuseram são:

Critério (iv): A paisagem cultural do Montado representa um exemplo notável de uma paisagem que ilustra períodos significativos da história humana.

Critério V – A paisagem cultural do Montado é um exemplo distinto de povoamento humano e uso tradicional do solo, representativo da interação humana com o meio envolvente, cuja vulnerabilidade tende a aumentar ao longo do tempo.

Critério (vi): A multifuncionalidade do Montado e a sua importância em termos da área ocupada no Sul de Portugal fazem com que grande parte do património cultural imaterial da região, como a gastronomia, as tradições, o Cante Alentejano, o universo imaginário, as lendas locais, estejam ligados e enraizados nas zonas do Montado e nas características especiais deste sistema. Como resultado, tanto a paisagem como a identidade do Sul de Portugal são altamente influenciadas pelo Montado." (Pinto-Correia, 2015)¹⁹

Face à importância e à sua divulgação aos turistas estrangeiros por empresas e operadores turísticos, é uma forma de dar a conhecer a história, a cultura e tradições que envolve todo este ecossistema. Empresas como a White Flower Tours – Family Experiences²⁰, as atividades turísticas são necessárias no mercado português para fomentar a economia local, dar emprego e ser resposta a uma necessidade de um produto turístico de grande valor internacional. Torna-se importante que todas as ações de divulgação e promoção do Montado português se faça, como defensora do nosso Património Natural, as caminhadas interpretativas do montado, os eventos (congressos, palestras), as feiras nacionais e internacionais de turismo ou a divulgação nas redes sociais e comunicação social, são uma forma de valorizar a história e a cultura do país.

¹⁹ Pinto-Correia, Teresa, Sistema agro-silvo-pastoril: desafios de uma gestão multifuncional, 2015

²⁰ White Flower Tours – Family Experiences, disponível www.whiteflowertours.com

CONCLUSÃO

A história do Montado português remonta a muitos séculos atrás e a sua evolução ao longo da história tem sofrido vários contratemplos. Está documentado que o Montado é uma fabricação do homem que foi sendo moldado consoante as suas necessidades, com a introdução de diferentes sistemas agrícolas levou a uma nova diversidade na paisagem, ao longo do séc. XX. O seu ambiente não é mais do que um ecossistema que engloba uma série de espécies animais e vegetais, todas elas catalogadas e com consciência da possível extinção do Lince Ibérico.

O Montado é uma fonte de rendimento para o país e por conseguinte, para muito trabalhadores, sejam eles trabalhadores do descortiçamento, sejam operários fabris. São muitos os que beneficiam direta ou indiretamente com este ecossistema, a produção da cortiça, apanha da bolota, apanha dos cogumelos, o mel, a criação de gado, as plantações, a lenha ou mesmo, as plantas e sementes do sobreiro; movimenta toda uma economia e desenvolve as comunidades locais. A concentração da maioria das fábricas corticeiras encontra-se no norte do país, outras existem por todo o Alentejo, como em Ponte de Sor e as restantes, no norte do Algarve.

A arte do descortiçamento é milenar, requer uma grande precisão com o machado para extrair a cortiça do sobreiro, trabalhadores bem pagos e com conhecimento transmitido de geração em geração.

Um sobreiro quando bem tratado e conservado tem uma esperança de vida a rondar os 200 anos, no qual se consegue extrair 15 descortiçamentos. Sabendo que, um sobreiro dura em média a crescer os 25 a 30 anos. Porém, nem toda a cortiça possui a mesma qualidade, mas tudo é aproveitado para diferentes fins comerciais. Podemos encontrar cortiça transformada em mosaicos para revestimento de chão ou paredes, em tecidos para roupas e marroquinaria, as rolhas para garrafas, fabricação de pranchas de surf, utilização nos meios de transporte, como os carros.

A utilização e a importância para a economia e sustento de tantas famílias, o conhecimento ancestral e a cultura à sua volta, carece que seja reconhecido e classificado o Montado como, Património Mundial da Humanidade no âmbito da Paisagem Cultural, tal como, outras paisagens portuguesas o conseguiram. O Montado é Património Natural português que deve ser valorizado e preservado para as gerações futuras.

SOBRE A AUTORA:

Teresa Alexandra Ribeiro Da Luisa

teresa.luisa39@gmail.com

